

ROCHETA, Maria Isabel; MARTINS, Serafina  
(Org.). *Conto português séculos XIX-XXI –*  
*Antologia crítica. v. 2. Porto: Caixotim, 2009.*

---



### Iluminar os Textos

Apesar de muitos autores contemporâneos – talvez por influência do mercado editorial – privilegiarem o romance como veículo dominante da sua pulsão narrativa, a verdade é que o conto se inscreve numa fecunda tradição literária, continuando a despertar a curiosidade de numerosos leitores, e não apenas entre os escritores de língua portuguesa – basta lembrar a riqueza e a qualidade da chamada *short story* nos países de língua inglesa.

Quando dizemos “conto”, deveríamos talvez corrigir para “narrativa breve”, já que as fronteiras genológicas definidoras do “conto”, na acepção mais limitada do termo – com a sua tradicional concentração de tempo, de espaço e de acção –, têm oscilado e não devem, quanto a mim, ser encaradas em sentido restritivo, mas, pelo contrário, abrir-se a um vasto conjunto de narrativas breves, que alguns leitores poderão considerar quase como pequenas novelas. Em todo o caso, não se trata aqui de discutir a noção de “conto”, mas sim de salientar a importância e a actualidade do seu estudo no momento presente.

Foi, pois, em boa hora que o CLEPUL e a Caixotim, pela mão de Maria Isabel Rocheta e de Serafina Martins, decidiram lançar o projecto de uma *Antologia Crítica do Conto Português*, englobando narrativas breves de autores dos séculos XIX a XXI. Em primeiro lugar, gostaria de sublinhar que estamos perante uma antologia aberta, ou seja, longe do propósito de estabelecer um cânone rígido ou imutável e, em vez disso, apta a ser progressivamente alargada a novos contributos que entretanto venham a enriquecê-la. Os dois volumes até agora publicados oferecem-nos, desde já, um número muito significativo de autores: enquanto no primeiro (vindo a lume em 2006) pudemos ler textos de Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, António Patrício, Aquilino Ribeiro, José Rodrigues Miguéis, Branquinho da Fonseca, David Mourão-Ferreira, Mário de Carvalho e Lídia Jorge, o segundo volume (que acaba de ser editado) inclui contos de Júlio Dinis, Eça de Queirós (o único a repetir), Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Miguel

Torga, Herberto Helder, Maria Ondina Braga e Teolinda Gersão.

A particularidade mais marcante deste projecto consiste no facto de cada narrativa surgir enquadrada por uma breve apresentação do respectivo autor e acompanhada por um ensaio especificamente dedicado a cada um dos textos – daí tratar-se de uma antologia crítica ou, como explica Maria Isabel Rocheta: “Quisemos que a cada narrativa se sucedesse a respectiva leitura: um ensaio pretendendo, não estudar o escritor e a sua obra, mas iluminar o texto, apontando nele linhas de estruturação da expressão e do(s) sentido(s) (v. I, p. 11). Saudando vivamente esse desejo de facultar leituras críticas, assinale-se que, no caso do volume agora publicado, essa tarefa iluminante foi confiada a Gonçalo Cordeiro (para “O Canto da Sereia”, de Júlio Dinis), Maria Isabel Rocheta (para “Civilização”, de Eça), Clara Rocha (para “A Estranha Morte do Prof. Antena”, de Sá-Carneiro), Teresa Martins Marques (para “O Vestido Cor de Fogo”, de Régio), José Augusto Cardoso Bernardes (para “Natal”, de Torga), Patrícia Cardoso (para “Teorema”, de Herberto Helder), Serafina Martins (para “O Recolhimento”, de Maria Ondina Braga) e Annabela Rita (para “Cidades”, de Teolinda Gersão).

Não cabendo no espaço de uma resenha como esta a abordagem específica de cada uma destas oito narrativas e das suas leituras críticas, desejo salientar, no entanto, um aspecto que me parece de louvar: a marca individual dos ensaios críticos, que, embora sempre ancorados nos textos e nos seus universos narrativos, denotam perspectivas de análise e ângulos de visão pessoais, cuja amplitude e cuja diversidade contribuem para enriquecer ainda mais o resultado final, alargando o espectro à disposição do leitor. Pertencendo a escolas e gerações diferentes, estes oito ensaístas mostram que, como nota Isabel Rocheta, “a leitura é um processo eminentemente pessoal de interacção com a ‘partitura’ que a obra constitui, em que a formação (literária, crítica, cultural) do intérprete desempenha um papel decisivo” (v. II, p. 10).

Para concluir este rápido olhar sobre a antologia e as suas leituras críticas – e centrando-me no v. II, agora dado

à estampa –, seja-me permitido destacar dois textos que sempre me interpelaram particularmente: “Civilização”, de Eça de Queirós, e “O Vestido Cor de Fogo”, de José Régio. Não se tratando propriamente de “contos” no sentido mais restrito deste conceito – já que ambos se desenvolvem ao longo de diversos capítulos, decorrendo em tempos e espaços diferentes –, estas narrativas servem de ponto de partida a dois estimulantes ensaios: no primeiro caso, Maria Isabel Rocheta parte do mal-estar civilizacional de Jacinto para nos dar uma lúcida reflexão a propósito das grandes questões colocadas pelo último Eça, cada vez mais pertinentes neste início do século XXI, dominado pela tecnologia e pelos seus omnipresentes artefactos; no caso de Régio, Teresa Martins Marques, analisando o dilema amoroso da personagem masculina, acaba por estabelecer uma notável relação entre “O

Vestido Cor de Fogo” e a *Sonata de Kreutzer*, de Tolstoi, dois textos em que “o abismo do ciúme constitui uma das faces do conflito entre o Relativo e o Absoluto” (v. II, p. 191).

Citei apenas dois exemplos possíveis entre muitos outros, que transformam esta antologia num excelente roteiro para percorrer os dois últimos séculos de literatura portuguesa no que toca à narrativa breve. Esperemos que o projecto possa continuar e que futuros volumes mantenham a qualidade dos primeiros.

FERNANDO PINTO DO AMARAL

Universidade de Lisboa

Recebido: 10 julho de 2009  
Aprovado: 21 agosto de 2009